

## Tânia Sardinha Vieira

### **Título:**

Talvez um capítulo a destempo

### **Texto:**

Talvez um capítulo a destempo.

Não sei porque te escrevo, minha filha. Logo hoje.

Faz muito tempo que fugi de mim. Muito.

Recordo-me vagamente que vivi. Num outro tempo, numa outra vida, talvez. Agora que escrevo, vejo que o tempo parece-me incerto. Fugaz. Doloroso. Há muito que não vivo atrás do tempo. Tempo limite. Tempo forma. A pedra caiu no exacto segundo em que a palavra fez-se poema. A voz secou. Olhou-se por dentro. O tempo gravou. O livro ficou deserto. Do poeta ninguém sabe. Só a pedra ficou para marcar esse exacto segundo de um tempo.

“Pára tempo. Pára!” – disse-o tantas vezes baixinho. E o tempo não parou.

Sabes, filha, descobri demasiado tarde que não é possível voltar atrás. Nem quando recordamos. Recordar não é mais do que trazer à memória imagens que vamos construindo com aquilo que sentimos, no exacto minuto em que recordamos. Lembras-te de mim e do teu pai? Lembras-te da história que fazíamos acontecer. Todos os teus olhos pediam-nos um texto de amor.

Lembras-te quando te falei dos encontros fugazes. Das mãos que se fechavam numa só. Das cartas desalinhasadas, rasuradas de tão vividas. Falei-te de um homem sereno e de voz firme. Falei-te de mim. Dele. De nós. Falei-te da imensidão dos dias e de como a noite era aconchegante. Reconfortante. Conteí-te que a voz dos amantes também desafina em dó maior, sem sustentidos nem bemóis. Conteí-te tudo isto, num outro tempo, onde a palavra amor enchia-me o peito. A voz. O sexo. O ventre.

Hoje não sei mais contar essa história.

O tempo nunca pára, filha. Transforma-se.

Transforma-te.

Não me lembro exactamente quando, mas tenho presente o arrepio. Foi com ele que pressenti o fim.

Arrepio-me.

Bastavam os lábios do teu pai sussurrarem o meu nome em mim e o meu corpo sabia vivo. Inclina-se. Dava-se. Desejava-se. Às vezes, era um beijo roubado ao de leve, quase por engano, despertando em mim o cheiro de mulher. Outras vezes, o toque do teu pai era intencional. As suas mãos largas contras as minhas coxas, abrindo caminho para o deleite. Sabia-nos donos desse prazer intenso e demorado. Demorado e intenso. Intenso.

O tempo pode ser um instante. Aquele instante.

Um dia, antes de sair de casa, senti o cheiro do teu pai em mim. A sua proximidade arrepiou-me. E daquele arrepio ficou a ausência. A ausência de mim.

Depois tudo foi diferente.

Não voltei a estar presente. Apenas o meu corpo ficava. Nunca inerte, pois para isso mais valia

morrer. E será que não morri? Com o tempo, o teu pai também partiu.

No amor não se finge.

Donos disto, permitimo-nos ainda assim, que os nossos corpos se cruzassem, por diversas vezes, em ruas já desertas de tudo. Desertas de nós. E eu que achei que podia viver assim. Despojada de mim, como poderia ser feliz?

Desejei sem amar.

Traí sem nunca ter bebido de um outro corpo.

Silenciei a dor por não caber na palavra.

Há muito que fugi para longe. Um não lugar, eu sei, mas meu. Um não lugar, até ontem, quando te vi partir. No abraço que me deste, soube que era um adeus. Doeu-me mais isso, do que enterrar o teu pai. Não sinto saudades. Nem vontade de chorar a sua morte.

Não sinto nada.

E é o vazio que me colhe o dia. A palavra. O desejo. O traço.

Ontem, o dia esteve tão bonito e, mesmo assim, não consegui trazer à memória um dia feliz. Os beijos e os abraços intermináveis. Os pêsames e a frase repetida vezes sem fim... "Sê forte. O tempo há-de curar a tua dor."

Porra!

Porra! O tempo? Novamente o tempo. Esse conceito versátil. Tempo ritmo. Tempo música. Tempo que se mede. Tempo de oportunidades. Tempo época. Tempo que corre devagar. Tempo veloz. Desejo solto. Tempo limite. Tempo vida. Tempo que mata. Mata devagar.

Porra!

Porra! A minha dor? Que dor? A dor de cremar, não um corpo, mas de deixar viva a morte há muito anunciada? Sim. A dor de saber que me deixei morrer ainda viva.

O que fiz eu, filha? O que fiz eu do tempo que tive como meu?

Bebo um copo de vinho tinto. Vermelho dor.

Bebo só. Sem brindes ou se quer razões para tal. Não deveria estar a chorar o corpo ainda quente do teu pai?

Não consigo.

Sinto que o chorei em vida e é isso que agora dói. Sinto-me viúva, tal qual a tipográfica. Sou a linha que termina um parágrafo, mas não tenho a largura da página. Sobram partes de mim.

Espaço não ocupado. Ausência de conteúdo.

Ontem percebi que não fiz do tempo, um aliado. Desalinhei os dias. Desarranjei o norte.

Desfigurei-me. Desfigurei-me.

Tenho 67 anos e estou só.

Há muito que comi as metáforas. Fiz do tempo um destempo. Ficou-me a vida sem adereços.

Peça de teatro minimalista. Despida de tudo, até de mim. Até de mim.

Na juventude fiz-me geométrica. Entreguei-me aos limites da simetria. Tudo em mim era rigorosamente pensado. Ilustrado. Dos cabelos negros escorridos, aos lábios desenhados a vermelho. Uma senhora. Um binómio por opção.

Sabes, filha, houve tempos em que fiz do amor campo de batalha. Onde transgredi consciente do caminho sem retorno. Tempo amor. O meu seria diferente. Único. O mais belo.

No amor reinventamo-nos só porque sim.

O teu pai sabia-o.

Bebeu de mim a mais bela história de amor. Bebemo-nos. Tantas vezes. Tantas.

Hoje resta-me por companhia esta taça de vinho. Bebo só. Sedenta de mim.

Não sei porque te escrevo, minha filha... talvez porque o amor é maior do que as horas do dia. Maior do que o tempo. Ou, talvez, porque ainda acredite que as palavras me deixam fazer do tempo trapézio e, quem sabe, por ironia ainda faça do tempo palavra. E da palavra... um poema de amor.